O livro de Jonas

Um exame de consciência para o evangelizador

O livro de Jonas, uma parábola novelística de cunho profético-sapiencial, vem a calhar para nós cristãos convocados para o anúncio da Boa-Nova e que estamos celebrando os quinhentos anos de evangelização em nosso continente latino-americano.

O primeiro sentimento de quem "se deixou seduzir" é a experiência da gratuidade de Deus. Ainda que a "sedução" traga conseqüências pesadas – p. ex.: Jeremias e Paulo de Tarso – permanece o reconhecimento prazeroso do carinho daquele que se faz solidário com a humanidade inteira através do presente do Emanuel.

Reler o livro de Jonas é uma aventura sempre nova e rica de sentido. A cada nova leitura descobrimos ou redescobrimos facetas que ainda não tínhamos percebido ou contemplado. É a dinâmica da comunicação que através de sinais deixa para os receptores/destinatários a possibilidade de interpretar e reinterpretar a sua própria situação existencial. Nesse sentido, cada nova leitura é, sem dúvida, um privilégio. É como poder jogar no poço a caçamba e dali retirar água sempre fresca e cristalina.

O poço nunca seca... mas ele existe em função de quem se encontra sedento. E a sede é a grande e maravilhosa chance da nossa contingência. E essa chance é também para nós o grande desafio que "Jonas" preferiu desconsiderar ou simplesmente jogar fora. O poço continua diante de nós... e "Jonas" continua, por sua vez, diante do poço.

Quantos "Jonas" se reencontraram ali naquela curta – porém de longo alcance – novela! Quantos preferiram passar-lhe ao largo!

Hoje, "Jonas" somos nós. É possível enxergar a nossa história/vida naquela "estorinha"? O nosso reencontro com o livro de Jonas produzirá em nós uma séria revisão de vida e, porque não dizer, conversão/metanóia! Quem sabe uma releitura da referida obra provocará em nós uma conversão de fato: percebermo-nos como instrumentos de Deus no anúncio da Boa-Nova, desves-

tindo-nos de dogmatismos, ortodoxismos... acabando de vez com a mania de sermos juízes e censuradores de Deus, todo carinho e amor para com o seu povo.

O PORQUÊ DO LIVRO DE JONAS

Nada acontece por acaso. Muito menos ainda os escritos bíblicos. A estória narrada em 4 breves capítulos se encaixa muito bem no período do pós-exílio; não somente por causa dos aramaísmos, mas sobretudo porque esse período, embora de rica complexidade, trouxe a possibilidade de o povo de Judá buscar a sua identidade na Torá e no Templo. Uma tão importante busca de identidade apresentou também o outro lado da moeda, isto é, o exclusivismo nacionalista e o xenofobismo. Tal situação existencial em Judá passou a ideologizar e a manipular a rica tradição e experiência de fé do povo. Em linguagem atual podemos dizer que a chave hermenêutica era o exclusivismo nacionalista... uma ideologia altamente perigosa.

O livrinho de Jonas leva-nos até Judá – período do pós-exílio – quando esse país, incentivado pela sua elite, se fechava na tentativa de autodefesa, num exclusivismo sem par, numa desconfiança e intolerância para com os de fora. Sociologicamente considerada, é compreensível a tentação ao fechamento, já que Judá – local da "perene dinastia da Casa de Davi" – com o exílio perdera praticamente tudo, vira desaparecer sob seus pés a própria terra onde pisava e, além do mais, os remanescentes encontravam-se entregues à própria sorte.

Com o retorno do exílio o povo tenta se rearticular, e de fato se rearticula. No entanto, o autor de Jonas vem questionar seus "leitores": é justo que um povo – Judá – que tem uma consciência tão presente de Javé que o acompanha vida afora e em qualquer circunstância – até no exílio! – venha se trancar numa autodefesa de morte? Ainda: Como Jonas/Judá enviado a convocar os "ninivitas" à conversão pode recusar-se a obedecer à voz de seu Deus? Como perceber que a sua sobrevivência como povo de Deus não está no radical fechamento e sim no tornar-se ardoroso missionário-evangelizador de outros povos, até de "ninivitas"? É possível para Jonas/Judá discernir os sinais dos tempos, isto é, ouvir os apelos de Deus contra um estilo tão estratificado de vida como naqueles tempos?

Mas para isso é necessário, antes de tudo, entrar num processo de conversão. Sem dúvida, os "ninivitas" precisavam ouvir a Palavra de Javé e alguém teria que ser o mediador nessa tarefa. O mediador teria que contribuir para que os "ninivitas" ouvissem a palavra e se convertessem. Porém, Judá, na pessoa de seus líderes, era quem mais necessitava de conversão, abrir-se à novidade da misericórdia e carinho de Javé. Judá continuava então com o coração empedernido. Não estava à altura de sua missão. Não estava conseguindo discernir os sinais dos tempos e suas necessidades. Em níveis de evangelização diríamos que Judá recusava-se a perceber que deveria se renovar no ardor, expressão e métodos. Judá precisava de uma boa sacudidela. A essa sacudida se propõe o livro de Jonas. E que sacudida!

UM LIVRO PROFÉTICO?

Costumamos chamar a obra em questão de "livro do profeta Jonas". Na verdade, esse livro não utiliza o estilo ou gênero literário profético propriamente

dito – o profeta Jonas profere somente um único oráculo (3,4). Os oráculos fazem parte do profetismo bíblico onde se utilizavam de tais meios para denúncias e anúncios da vontade de Javé. O gênero profético muito floresceu no período da monarquia, quer em Judá quer em Israel, ocasião de grandes desmandos por parte das lideranças político-religiosas do povo.

Porém, olhando mais atentamente podemos dizer que o livro de Jonas tem, a seu modo, uma dimensão de conteúdo altamente profético, mesmo se usando o gênero da narração. Ali encontramos anúncio da vontade de Javé "embutido" em denúncias do fechamento de Judá.

No pós-exílio a atuação profética incorporada em personagens marcantes é quase inexistente; há alguns poucos casos. A ausência de profetas é sentida e até lamentada (Lm 2,9; Sl 74,9). Com o tempo, no pós-exílio, a ausência desses profetas ocasionais passa a ser acolhida como algo normal. Deste modo, Jl 3,1-2 parece apelar para a realização da "utopia" contida nas palavras de Moisés em Nm 11,29. Tenta-se então chamar a atenção do povo para a sua grande vocação, que é ser um povo preparado para receber de Deus o seu Espírito a fim de profetizar. Dentro desta nova perspectiva o "profetizar" deveria ser a real situação de todo o povo de Javé.

O livro de Jonas é, provavelmente, fruto do século IV aC. Já o livro do Eclesiástico, escrito entre 190 e 170 aC, tinha conhecimento do livrinho do profeta Jonas; chega a incluí-lo entre os doze profetas menores (Eclo 49,10).

A obra em questão é assim designada porque o autor da parábola quis atribuir a um tal de Jonas aquilo que era facilmente reconhecido em Judá na ocasião do pós-exílio. O tal Jonas, segundo o autor da obra, é filho de um tal Amati. As parcas informações sobre o profeta Jonas nós as encontramos em 2Rs 14,25. Nesse contexto fala-se de Jonas, profeta, de Gat-Ofer (Zabulon), filho de Amati, que viveu na época de Jeroboão II (783-743). Pelas informações históricas que temos, a época de Jeroboão II era de grande "prosperidade econômica", construída sobre o suor dos pobres. É época de atuação do grande profeta Amós. Época em que o sincretismo religioso significava um grande perigo para o javismo em Israel. Um estudo desse período nos mostra que a obra de Jonas está cronologicamente muito distante de acontecimentos do reino de Israel na época de Jeroboão II. Os anacronismos saltam aos olhos!

Gostaria de aventar uma hipótese. Como o nome Jonas, em hebraico Yonah, significa *pomba*, pode ser que essa obra traga dentro de si toda a carga simbólica a ser vivida e realizada por Judá em tempos pós-exílicos. Quer dizer, Judá – fechada em seu xenofobismo – doravante é como uma *pomba*, mensageiro que voa para longe, bem longe (Gn 8,12), sem ficar fechado e restrito em seu próprio mundo. Quem sabe, Judá agora é chamado a se abrir, a partir para longe, a sair de si! Quem sabe, Judá está sendo convocado a tomar consciência de sua verdadeira missão profética: anunciar a misericórdia de Javé aos "de fora", estrangeiros. Será essa a grande chance de Judá para se converter de sua estrita visão a respeito do que é a vontade de Deus.

A parábola em forma novelística é, podemos dizer sem receio, essencialmente profética. Mexe e remexe a vida de muita gente fechada e acomodada em seu mundo lá nas terras de Judá. É uma vigorosa denúncia de combate à ideologia do exclusivismo que leva a uma tendenciosa releitura do seu passado e do presente. A parábola vem colocar a descoberto a ferida de Judá. Ela afirma

que os estrangeiros – ninivitas – são caros a Javé. Portanto, é necessário que Judá se converta, a fim de encarar a sua missão em tempos novos: ser profeta-evangelizador de povos; vale dizer: é hora de abrir-se ao novo tempo, de ouvir a voz de Javé – este quer que todos sejam irmãos de fato. No livrinho, Jonas/Judá – "profeta de novos tempos" – é identificado como o profeta desobediente que não se deixa tocar pela misericórdia de Deus. Judá estava até arvorando-se em juiz e censurador de seu próprio Deus e Senhor.

O desafio da parábola de dimensão profética está lançado. Aceitar encarar o desafio é a grande oportunidade que Judá tem para recuperar a sua vocação profética por excelência, pois o Espírito de Javé (como diz Jl 3,1-2) está derramado sobre todo o seu povo.

SUMÁRIO DA NOVELA OU A FORÇA TEOLÓGICA DE SUA MENSAGEM

O breve roteiro mostrado aqui tem a finalidade de endereçar-nos ao livro de Jonas que, além de bastante pequeno, é muito sugestivo, atraente e didático.

1) Introdução: A Palavra de Javé foi dirigida a Jonas, filho de Amati.

2) Ordem de Javé a Jonas: "levanta-te", vai a Nínive, a grande cidade, e anuncia contra ela que sua maldade chegou até mim.

3) Fuga de Jonas: Jonas "se levanta", entra no navio que zarpava para Társis, para longe da face de Javé.

4) A ação de Javé faz Jonas dizer por que está no navio:

– tempestade no mar;
– os marinheiros apelam cada um para seu deus;
– Jonas, ótimo conhecedor do "catecismo", diante dos religiosos e respeitosos marinheiros, prefere morrer, isto é, ser lançado ao mar, a obedecer a Javé.

5) Javé continua a agir: faz com que Jonas venha a ser engolido por um grande peixe, mostrando assim que este não é tão senhor da situação.

6) Canto de ação de graças de Jonas: no ventre do grande peixe, Jonas agradece a Deus por ter poupado a sua vida (trata-se, sem dúvida, de um acréscimo posterior, já que o "profeta" buscava a morte e continuará a buscá-la).

7) Segunda ordem de Javé a Jonas: "levanta-te", vai a Nínive, a grande cidade, e anuncia-lhe a mensagem que eu te disser.

8) A ação de Jonas: Jonas "levantou-se" e foi a Nínive; os ninivitas se converteram e Deus lhes perdoou... até "animais" fazem penitência!...

9) A revolta de Jonas: Jonas, irado, desabafa-se, em sua oração, com Javé: eu sabia que és um Deus de piedade e ternura, lento para a ira e rico em amor e que se arrepende do mal que lhes ameaçava fazer... Jonas, ao constatar que suas palavras produzem a conversão dos ninivitas, prefere a morte à vida.

10) Javé questiona Jonas: tens, por acaso, motivo para ficares irado?

11) Jonas sai da cidade: observa de longe, sob sua tenda, o que iria acontecer na cidade.

12) Javé satiriza o "profeta": protege-o miraculosamente do sol fazendo nascer perto dele uma mamoneira... Mas depois faz a mamoneira desaparecer.

13) Jonas continua desgostoso: sob o forte sol em sua cabeça, completamente desiludido com as atitudes de Javé, prefere morrer a continuar vivendo sem sentido.

14) Sentença final de Javé: tu tens pena da mamoneira, que não te custou trabalho e que não fizeste crescer, que em uma noite existiu e em uma noite pereceu. Eu não deveria ter pena de Nínive, a grande cidade, onde há mais de cento e vinte mil homens que não distinguem direita e esquerda (a expressão em hebraico quer dizer: criancinhas, inocentes) assim como muitos animais?!

UMA CONTRIBUIÇÃO PARA OS NOSSOS DIAS?

A parábola novelística chegada até nós através do livro de Jonas não é uma estéril fantasia. Como já dissemos anteriormente, ela desnuda a ferida de Judá, que vive fechado em seu exclusivismo.

Vimos também que o profeta Jonas (Yonah), embora identificado com o filho de Amati (séc VIII aC), nada tem a ver historicamente com a situação de Judá no pós-exílio, quando a parábola foi escrita (provavelmente no séc. IV aC). Seu nome – não seria proposital a escolha de tal nome? – significa, como já dissemos, *pomba*. A pomba é um pássaro assaz especial. É encarregada de levar e trazer mensagens de alguém, não leva mensagens unicamente suas, deve também "voar" para longe... realiza o papel de profeta. Perguntamos aqui: Esse é o "kairós" de Judá? É o momento-desafio para se poder rever e compreender a sua verdadeira missão em tempos novos? Certamente que sim! O livro de Jonas quer ser um apelo real, dramático e profético a fim de que Judá veja que a "utopia" de ser profeta em tempos novos já está às portas.

Mas vale a pena rever alguns pontos do livro. Assim, Jonas/Judá recebe a missão "profética" de anunciar a bondade de Deus aos ninivitas, um povo estrangeiro, ex-carrasco de Israel... e também de Judá; mas Nínive é apenas símbolo do estrangeiro, dos de "fora".

Jonas/Judá recusa-se a obedecer. Imaginemos um profeta recusando-se ao seu papel. Algo inteiramente inconcebível para a mentalidade do povo de Deus. Seria uma verdadeira desfeita.

Quando o autor da "estória" nos diz que Jonas fugia da face de Javé, ele nos brinda com fantásticas revelações. Pois Jonas vai para o fundo do navio e ali, alheio a tudo, dorme; já os marinheiros, pessoas pagãs, ligadas à situação periclitante, mostram-se profundamente religiosos, abertos e respeitosos, prontos para acolher o Deus de Jonas. Este, de sua parte, conhece bem o "catecismo" (sou hebreu e adoro o Senhor Deus do céu que fez o mar e a terra). E a mesquinhez do profeta é tão grande que ele prefere morrer, sendo por isso lançado ao mar.

Esses detalhes da parábola são suficientemente claros. Assim reza o dito popular: ao bom entendedor meia palavra basta!

Sem dúvida, o destinatário primeiro da parábola (Judá), ao lê-la, se reconhecia facilmente na pessoa de Jonas, o profeta desobediente que se recusava à missão recebida de seu Deus.

Javé "brinca" sério com Jonas/Judá... Quer queira, quer não, a mensagem deve ser levada a Nínive... Do contrário, Judá não será "Jonas" (Yonah), mensageiro de perdão de Javé...

E mesmo assim, ele (Jonas/Judá), relutando, constata o que não queria nem imaginar: Javé é sumamente bom. Mas Javé continua fazendo troça com Jonas... Pois, quem será capaz de obstruir os seus desejos de amor e misericórdia? Será Judá, por acaso?

Pois então, o livro de Jonas termina não só de modo satírico, mas dramático: que povo é esse que conhece muito bem as grandes verdades sobre Deus, chega a experimentar a sua bondade, mas na prática nega tudo aquilo que diz professar?

Esta obra de grande envergadura, lida e relida por nós hoje – cristãos e evangelizadores dos inícios do século XXI – não estaria contribuindo conosco, ajudando-nos a descobrir as nossas feridas? E com isso não estaria nos sugerindo caminhos novos de verdadeira conversão à vontade de Deus, no respeito e carinho para com aqueles a quem somos enviados a condividir o amor fraterno de nosso Deus?

A NOVA EVANGELIZAÇÃO E O RENOVADO ARDOR MISSIONÁRIO

O olhar para trás, o rever a história da evangelização em nosso continente latino-americano não é somente uma volta ao passado. É algo semelhante à leitura do livro de Jonas nas comunidades de Judá no crítico momento do pós-exílio. O livro parece estar falando de coisas do passado, é verdade. Mas, no entanto, ele está absolutamente comprometido com o tempo presente, o tempo que se chama hoje. Assim, a memória histórica tem uma função eminentemente atual.

Pois é, relendo o livro de Jonas, nós, sem dúvida, nos encontramos nele também. A parábola nos coloca em estado de alerta, estado penitencial e voltados para o presente e o futuro de uma evangelização que quer ser realmente nova.

Uma nova evangelização em que nós cristãos do tempo "que se chama presente" – como no livro de Jonas – nos sintamos enviados sobretudo a constatar que os "de fora" são piedosos, abertos à fé, à conversão, à misericórdia daquele que nos quer irmãos de fato.

Uma nova evangelização em que não nos consideremos mais os "senhores do mundo", nocionalmente convertidos e fechados ou cegos à realidade das "cento e vinte mil crianças inocentes" condenadas a sobreviver como massa sobrante em nossa sociedade.

Uma nova evangelização que nos abra ao fogo que consome, ao fervor – já que "Jonas" foi tão frio! – de arriscar a nossa vida e segurança em prol dos "de fora", os preferidos de Javé.

Uma nova evangelização em que os protagonistas não seremos nós, mas a *misericórdia ecumênica* e, por que não dizer, *ecológica* de Deus.

Uma nova evangelização totalmente voltada em favor da vida humana (Jo 10,10), pois onde está Deus aí está também a busca plena de vida para todos.

Finalizando, o livro de Jonas continua sendo o nosso paradigma, um reacender de nossa consciência a fim de que a nova evangelização seja profundamente marcada pela vivência fraterna. Poderemos então recuperar a utopia do Gênesis, que diz: somos todos nós criados pela Palavra de Deus à sua imagem e semelhança.

A proposta do livro de Jonas continua a nos desafiar também hoje. Deixemo-nos então converter e continuaremos a ser um povo de profetas e profetisas enviados a evangelizar com *novo ardor, nova expressão e novos métodos.*

Nilson Faria dos Santos
Av. Abdias de Carvalho, 1855
50830-000 Recife, PE

COMENTÁRIO BÍBLICO

Um Comentário Ecumênico de toda a Bíblia, escrito por biblistas das Igrejas Católica, Evangélica, Metodista e Presbiteriana.
Coedição Vozes/Sinodal/Imprensa Metodista.

Últimos volumes publicados:

Sirácida ou Eclesiástico — Ney Brasil Pereira – 1992

Segunda Epístola aos Tessalonicenses — Valmor da Silva – 1992

Primeiro Livro dos Macabeus - Autocrítica de um guerrilheiro — Sandro Gallazzi e Francisco Rubeaux – 1993

Pedidos à Editora Vozes